DE ATLETAS A TREINADORAS: PERCURSOS E MEMÓRIAS DE MULHERES NO FUTEBOL BRASILEIRO

FROM ATHLETES TO COACHES: PATHWAYS AND MEMORIES OF WOMEN IN BRAZILIAN FOOTBALL

DE ATLETAS A ENTRENADORAS: TRAYECTORIAS Y MEMORIAS DE MUJERES EN EL FÚTBOL BRASILEÑO

Bruno Peradotto Lamb
https://orcid.org/0009-0009-6133-5975
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre–RS, Brasil
bruno.lamb@ymail.com

Guilherme Carvalho Vieira
https://orcid.org/0000-0001-7949-4530
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre–RS, Brasil
guilherme.vieiraufrgs@gmail.com

Taciane Leopoldo Lini
https://orcid.org/0009-0008-2713-9578
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre–RS, Brasil
taci.llini@gmail.com

Janice Zarpellon Mazo
https://orcid.org/0000-0002-8215-0058
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre–RS, Brasil
janice.mazo@ufrgs.br

Resumo. No século XXI, o futebol feminino adquiriu maior visibilidade no Brasil. Nesse contexto, a realização da Copa do Mundo Feminina de Futebol de 2027 no país representa um marco histórico, contrastando com um passado de restrições legais, a exemplo da proibição da prática esportiva por mulheres entre os anos de 1941 e 1979. Nas décadas seguintes à liberação, as mulheres não apenas intensificaram a prática da modalidade, mas também passaram a ocupar novos espaços no cenário esportivo, destacando-se na atuação como treinadoras. O presente estudo buscou evidenciar os percursos de mulheres que ocuparam a posição de treinadoras de futebol no Brasil, enfatizando a aproximação com o futebol desde a infância, o papel da escola e da família, bem como a transição de carreira de atletas para técnicas. Metodologicamente, a pesquisa caracteriza-se como um estudo qualitativo baseado na história oral, cujas fontes consistem em entrevistas extraídas do acervo do projeto Garimpando Memórias (CEME/ESEFID/UFRGS). Os resultados apontam que a inserção precoce no esporte, o incentivo familiar e escolar, e a superação de barreiras estruturais foram fatores fundamentais para a transição bem-sucedida do campo para o comando técnico. Ao recuperar memórias individuais e coletivas, o estudo afirma identidades, desafia narrativas dominantes e contribui para a valorização do protagonismo feminino no futebol brasileiro.

Palavras-chave: Futebol feminino; Trajetória profissional; Mulheres; memória esportiva; História do Esporte.

Abstract. In the 21st century, women's football has gained greater visibility in Brazil. In this context, hosting the 2027 FIFA Women's World Cup in the country represents a historic milestone, contrasting with a past of legal restrictions, such as the ban on women playing the sport between 1941 and 1979. In the decades following the legalization, women not only intensified their practice of the sport but also began to occupy new spaces in the sports scene, standing out in their roles as coaches. This study aimed to highlight the trajectories of women who became football coaches in Brazil, emphasizing their early engagement with football during childhood, the role of school and family, and their career transition from athletes to coaches. Methodologically, this qualitative study is based on oral history, utilizing interviews extracted from the Garimpando Memórias project archive (CEME/ESEFID/UFRGS). The findings indicate that early engagement in the sport, family and school support, and the overcoming of structural barriers were fundamental factors for a successful transition from the pitch to the technical command. By recovering individual and collective memories, the study affirms identities, challenges dominant narratives, and contributes to valuing female protagonism in Brazilian football.

Keywords: Women's football; Career trajectory; Women; Sports memory; History of sport.

Resumen. En el siglo XXI, el fútbol femenino ha adquirido mayor visibilidad en Brasil. En este contexto, la realización de la Copa Mundial Femenina de Fútbol de 2027 en el país representa un hito histórico, en contraste con un pasado de restricciones legales, como la prohibición de su práctica por parte de las mujeres entre 1941 y 1979. En las décadas posteriores a la liberación, las mujeres no solo intensificaron la práctica de la modalidad, sino que también comenzaron a ocupar nuevos espacios en el escenario deportivo, destacándose en su labor como entrenadoras. El presente estudio buscó evidenciar los recorridos de mujeres que ocuparon la posición de entrenadoras de fútbol en Brasil, enfatizando el acercamiento al fútbol desde la infancia, el papel de la escuela y de la familia, así como la transición de carrera de atletas a directoras técnicas. Metodológicamente, la investigación se caracteriza como un estudio cualitativo basado en la historia oral, cuyas fuentes consisten en entrevistas extraídas del archivo del proyecto Garimpando Memórias (CEME/ESEFID/UFRGS). Los resultados indican que la inserción temprana en el deporte, el apoyo familiar y escolar, y la superación de barreras estructurales fueron factores fundamentales para la transición exitosa de la cancha a la dirección técnica. Al recuperar memorias individuales y colectivas, el estudio afirma identidades, desafía narrativas dominantes y contribuye a la valoración del protagonismo femenino en el fútbol brasileño.

Palabras clave: Fútbol femenino; Trayectoria profesional; Mujeres; Memoria deportiva; Historia del deporte.

1. INTRODUÇÃO

O estudo versa sobre práticas e memórias ligadas a treinadoras, também nomeadas técnicas, de futebol feminino no Brasil. No século XXI, o futebol feminino alcançou uma visibilidade expressivamente maior se comparado ao século passado. Nesse cenário, a realização da décima edição da Copa do Mundo de Futebol Feminino no país, em 2027, consolidar-se-á como um marco fundamental para a prática esportiva das mulheres. Chancelada pela Federação Internacional de Futebol (FIFA) e prevista para o ano de 2027 esta será a primeira competição desse porte realizada no Brasil e na América Latina voltada exclusivamente ao futebol feminino já que o maior evento realizado até então relacionado ao futebol de mulheres havia sido os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro, em 2016 (Bischoff, 2024). A competição reunirá 32 seleções e contará com 64 partidas, formato adotado pela primeira vez na edição anterior, realizada em 2023, na Austrália e na Nova Zelândia.

A realização da competição de nível mundial no Brasil representa um marco histórico para o futebol feminino no país, especialmente diante de um passado marcado por restrições legais e sociais. Durante quase quatro décadas, entre 1941 e 1979, o futebol feminino esteve oficialmente proibido no Brasil, respaldado pelo Decreto-Lei nº 3.199, de 14 de abril de 1941, que impedia as mulheres de praticarem esportes considerados violentos ou inadequados (Brasil, 1941). No período anterior ao impedimento legal determinado no começo da década de 1940, que conferia restrições sociais à prática de certos esportes pelas mulheres no Brasil, foram achados indícios que mostram a existência do futebol feminino em algumas localidades, nas primeiras décadas do século XX (Vieira, Costa, Mazo, 2026; Brasil, 1941).

O jornal *Diário Popular* da cidade de Pelotas/RS divulgou a participação de mulheres em uma partida de futebol promovida pelo Esporte Clube Pelotas (E.C. Pelotas) durante as comemorações de seu aniversário de fundação, no dia 12/10/1916, com a presença dos clubes Diamantinos, Rio Branco e Guarani. Antes da partida de futebol de mulheres, a matéria mencionou: “O jogo dos pequenos prendeu completamente a atenção da numerosa assistência que chegou a ter momentos de entusiasmo.” Parece que a mesma atenção não foi dada ao jogo de futebol que foi realizado na sequência. Inclusive, o texto sugere que o jogo foi entre mulheres e homens e “[...] as mulheres, posto que havia um quadro de mulheres, saíram vencedoras. Aliás, como não ser assim, em se tratando de cavalheiros gentis” (Diário Popular, 1916, p. 2). Nota-se nas entrelinhas da matéria do jornal que o time de mulheres conquistou a vitória porque os homens permitiram tal gentileza.

Após mais de uma década da supracitada notícia, o jornal *Diário Popular* de Pelotas/RS, novamente, divulgou uma partida de futebol feminino, mas, desta vez, o jogo fazia parte de um evento esportivo nomeado “Taça Cidade de Pelotas”. Constava na matéria do referido jornal: “Sensacional torneio feminino de futebol realizado no Circo de Cavalinhos, ora atuando em Pelotas. A turma do E.C. Pelotas conquista brilhantemente a Taça Cidade de Pelotas. A graciosa senhorinha Ayda marcou os golos da vitória” (Diário Popular, 1929, p. 3). Observa-se o uso do adjetivo "graciosa" para qualificar a artilheira da equipe. Além disso, o emprego do termo "senhorinha" sugere que se tratava de uma mulher casada, visto que o tratamento usual para mulheres solteiras à época era "senhorita". Outro aspecto a destacar é a afirmação do autor da matéria sobre o motivo de assistir e escrever a notícia sobre a disputa de futebol entre mulheres: “Levado pela curiosidade fui ao Circo de Cavalinhos assistir o desfecho do torneio feminino futebolístico que ali vinha acontecendo há algumas noites, para a conquista da Taça Cidades de Pelotas” (Diário Popular, 1929, p. 3).

Esse recorte do jornal, além de fornecer um registro da prática no início do século XX, antes das proibições legais, se constituiu em um vestígio de que uma ideia de corpo feminino no esporte já estava sendo difundida pela imprensa. Cabe pontuar que, nesse contexto, a jogadora Ayda é chamada de “graciosa senhorinha”, adjetivação que reduz sua performance atlética ao campo da delicadeza e da feminilidade, em vez de valorizar sua competência e sua prática esportiva. É possível afirmar que tal enquadramento reflete estereótipos de gênero que atravessavam as narrativas das práticas esportivas especialmente as coberturas do futebol feminino (Bonfim, 2019; Pires, 2021; Vimieiro, Eugênio, Souza, 2025).

Ao retomarmos os vestígios na imprensa, nota-se que, pelo menos em jornal da cidade de Pelotas/RS, o futebol feminino não estava completamente ausente de veículos de comunicação. No caso de Porto Alegre/RS localizamos notícia sobre prática do futebol pelas mulheres, na seção denominada Caminhos do Mundo (v. 29, n. 694, 13 jul. 1957, p. 5), da tradicional Revista do Globo, que circulou para além do estado do Rio Grande do Sul, editada pela Livraria Globo no período de 1929 a 1967 (Mazo, 2004). Curiosamente, a matéria foi publicada no ano de 1957, durante a época que havia o impedimento do ponto de vista jurídico com relação à prática do futebol e outros esportes para mulheres. Talvez, por meio de uma pesquisa aprofundada em jornais, almanaques esportivos e até mesmo nos programas de rádio seja possível encontrar mais informações sobre o futebol feminino no Rio Grande do Sul. Um exemplo sobre a veiculação de jogos/competições de futebol feminino pelo rádio é encontrado em estudos históricos locais/regionais (Goldani, Mazo, Fontana, 2024; Goldani *et al.*, 2024).

A proibição legal instaurada em 1941 foi revogada com a Deliberação nº 10/1979 do Conselho Nacional de Desportos (CND), que autorizou a prática esportiva pelas mulheres (Brasil, 1979). Anos depois, a Deliberação nº 01/1983 passou a regulamentar a prática do futebol feminino no país, estabelecendo as primeiras diretrizes oficiais para a modalidade (Brasil, 1983). Embora revogado há mais de quatro décadas, a referida legislação ainda ecoa e condiciona o modo como o esporte feminino é visto em nosso país, não tendo o mesmo reconhecimento que o esporte praticado pelos homens. Nesse contexto, a realização da Copa do Mundo Feminina no Brasil carrega não apenas um simbolismo esportivo, mas também político e cultural, ao posicionar as mulheres como protagonistas de um cenário historicamente negado a elas.

O percurso das treinadoras de futebol no Brasil tem um elo com a própria história das atletas nessa modalidade, que foi fortemente marcado pelo enclausuramento do corpo feminino, como um “fato social” coercitivo (Durkheim, 2007). Conforme Westin (2023) foi permitido às mulheres práticas consideradas saudáveis para a “natureza feminina”. Havia uma perspectiva que o sexo feminino deveria ser “belo, gentil e delicado” e, para tanto, impunha-se a execução de exercícios físicos tendo em vista a sua fragilidade e os cuidados para a futura maternidade (Soares, 1990; Haraway, 2023, Chiés, 2024).

Ao pesquisarmos sobre futebol e mulheres, também buscamos afirmar identidades e desafiar narrativas dominantes, enfatizando a dimensão política da reconstrução de histórias esportivas das mulheres (Farias, 2012). Os estudos históricos destacam narrativas que têm a capacidade por meio da história oral de recuperar e/ou possibilitar a escuta de vozes que muitas vezes estão ausentes dos registros oficiais, especialmente nos cenários em que as evidências documentais são limitadas ou tendenciosas (Rovai, 2013). Ao revisitar os percursos de mulheres treinadoras no futebol, entendemos que o estudo contribui não apenas para fazer outra leitura de suas memórias, como também para dar visibilidade a elas em uma posição ocupada majoritariamente por homens no Brasil.

A maneira como guardamos e trazemos de volta as memórias não podem ser totalmente explicadas apenas pela nossa memória pessoal. Frequentemente, quando tentamos nos lembrar de algo, buscamos ajuda no grupo ao qual fazemos parte. São as conversas, os atos e as histórias das outras pessoas que nos ajudam a reviver o que já passou. Desse modo, as lembranças que temos não ficam soltas; elas se organizam dentro de contextos sociais, que são essenciais para que não sumam ou percam a importância. A memória não é só um lugar onde guardamos coisas dentro de nós: ela continua existindo porque a sociedade sempre nos dá maneiras de refazê-la (Halbwachs, 2006; Candau, 2012).

Ao evocar o passado, não o trazemos de volta em sua forma original; em vez disso ele é remontado com os elementos do presente. É o agora que nos oferece as ferramentas, conceitos, linguagem e perspectivas, para estruturar as memórias de antes. Assim, recordar nunca é um ato estático: a lembrança se transforma com os grupos em que vivemos e com as exigências do presente. Por fim, a memória estritamente pessoal não existe, pois todo ato de recordar envolve uma dimensão coletiva (Pollak, 1989; Halbwachs, 2006).

Apesar do avanço e da importância dessa reconstrução histórica, nota-se que a literatura e a historiografia esportiva brasileira têm se concentrado quase que exclusivamente nas vivências das mulheres enquanto atletas. Existe, portanto, uma lacuna significativa no que diz respeito à documentação e à análise das transições de carreira e das barreiras enfrentadas por essas profissionais ao assumirem posições de liderança técnica. Compreender essa dinâmica a partir de suas próprias vozes é um passo necessário para a consolidação da memória do esporte nacional. Feitas essas considerações, o estudo objetiva evidenciar os percursos de mulheres que ocuparam a posição de treinadoras de futebol no Brasil.

2. MÉTODOS

Para a seleção do *corpus* de análise procedeu-se a uma triagem textual das transcrições em busca das ocorrências das palavras-chave “treinadora” e “técnicas de futebol”. Foram excluídas entrevistas que não continham qualquer menção a essas palavras, bem como entrevistas incompletas, duplicadas ou desautorizadas pelos/as participantes. O critério de inclusão estabeleceu-se pela seleção de narrativas de mulheres com atuação formal comprovada como treinadoras (futebol de campo ou futsal).

Os documentos foram submetidos à análise temática de conteúdo, desenvolvida em três etapas operacionais: 1) Leitura flutuante e integral das transcrições para apreensão do contexto; 2) Identificação das unidades de registro focadas na iniciação esportiva e na atuação profissional técnica; e 3) Agrupamento temático derivado dos dados (*a posteriori*), resultando na categorização analítica. Nos tópicos que seguem, apresentamos os resultados organizados em três categorias analíticas centrais: a) Mediações familiares e escolares na iniciação ao futebol; b) Transição de carreira e acúmulo de capital simbólico; e c) Formação acadêmica e circulação internacional como estratégias de legitimação.

3. APROXIMAÇÃO DAS MULHERES COM A PRÁTICA DO FUTEBOL

A Educação Física escolar frequentemente representa o primeiro contato das crianças e adolescentes com o universo do esporte. Essa experiência inicial pode gerar impactos positivos ou negativos, a depender do ambiente escolar, das condições oferecidas e, especialmente, da atuação do(a) profissional responsável pelas aulas. Nesse sentido, Aline Pellegrino comenta que seu interesse pela área surgiu justamente a partir de vivências escolares marcadas por aulas dinâmicas, participação em campeonatos e a presença de professores que despertaram nela o desejo de seguir na área da Educação Física (Pellegrino, 2014). Essas narrativas inaugurais evidenciam um padrão sociológico: a introdução das mulheres ao futebol dependeu historicamente da ocupação de espaços onde o lúdico permitia uma flexibilização das barreiras de gênero, colocando a escola como um ambiente democratizador fundamental.

Para Andressa Allet, a aproximação com o futebol ocorreu de maneira natural, marcada por um gosto pelo "jogar bola" desde os primeiros anos de vida (Allet, 2014, p. 4). Apesar desse interesse espontâneo, foi no ambiente escolar que surgiram os primeiros contatos mais estruturados com a prática esportiva, posteriormente ampliados com a participação em escolinhas de futebol (Allet, 2014).

Célia Liése Brancão também compartilha a ideia de que o futebol surgiu de forma natural em sua vida, especialmente devido à forte influência familiar, já que seu irmão jogava e seu pai atuava como treinador (Ribeiro, 2015). A sua vivência reforça como o ambiente familiar e as experiências da infância são fundamentais na formação das primeiras conexões com o futebol. Nota-se que a mediação de figuras masculinas (pais e irmãos) funcionou historicamente como um passaporte de legitimidade, autorizando a presença feminina em um ambiente majoritariamente hostil à sua participação. Em seu relato, Ribeiro (2015, p. 4) destaca uma memória marcante da infância que ilustra a proximidade precoce com o esporte:

> É uma lembrança que eu tenho muito clara. Foi meu primeiro aniversário e, eu lembro do meu irmão, que a gente fez no zoológico; ele levou todos os amigos dele e eles jogaram bola lá. E lá eu me lembro, de já jogar... É a primeira lembrança que eu tenho de mim jogando futebol. Então, sempre acompanhando o meu irmão, jogando com os guris no meio da rua, desde pequena mesmo. (Ribeiro, 2015, p. 4)

Emily Lima é mais uma atleta que iniciou o esporte como brincadeira na infância, principalmente com o apoio do pai e do irmão, que logo perceberam o quanto ela tinha afinidade com o esporte (Lima, 2015). Aos 13 anos de idade foi participar de um teste no Saad Esporte Clube, que se mantém em funcionamento desde a década de 1980 (Lima, 2015). Foi aprovada no teste e começou sua trajetória no futebol de alto rendimento, atuando como jogadora entre 1997 e 2009, quando precisou interromper a prática devido a lesão no joelho (Assessoria CBF, 2016).

A história de Fabiana Guedes Rodrigues com o futebol também iniciou na infância, jogando entre os meninos e, posteriormente aos 15 anos de idade, ingressando em um projeto de futebol feminino. Na sequência se profissionalizou como atleta e dentre os treinadores experienciou o treinamento com uma mulher que ocupava a posição (Rodrigues, 2017). Fabiana menciona a importância de ter tido uma mulher como treinadora em determinado momento de sua carreira, pois mostrou que havia sim um caminho para ser trilhado após a aposentadoria da atuação como atleta (Rodrigues, 2017). O relato demonstra a importância analítica da representatividade: a ausência de referências femininas no esporte limita a projeção de futuro das jovens atletas, tornando o contato com pioneiras um fator decisivo para a expansão de suas perspectivas profissionais.

Para Thaissan Passos, o futebol foi uma ferramenta de interação na infância, uma vez que cercada de primos, a maneira que encontrou de participar do mundo deles foi por meio do

esporte (Passos, 2018). Embora, tenha recebido apoio de familiares, professores e técnicos, ela não encontrou espaço nas mesmas escolinhas que seus primos aos 13 anos de idade. Por isso, optou pelo handebol, esporte que lhe disseram ser o mais próximo do futebol para meninas. Aos 14 anos, o professor de uma escolinha a viu jogando e ofereceu uma bolsa para que treinasse com os meninos; pouco tempo depois ela foi convidada pelo treinador do clube Duque de Caxias, iniciando sua carreira como atleta profissional (Passos, 2018).

Outra história similar é de Tatiele Silveira que relatou ter começado a jogar futebol na rua. Ela acompanhava seu pai nos jogos de futebol, quando ele ia disputar partidas como jogador amador de final de semana (Silveira, 2014). Tatiele relatou que sempre teve apoio dos pais e, inclusive, foi a mãe que procurou a primeira escolinha para ela praticar, quando tinha 11 anos de idade. Tendo em vista que era uma escolinha para meninos, a mãe dela marcou uma aula experimental com a secretária do local, a qual era esposa do professor e, logo em seguida, Tatiele foi aceita para frequentar os treinos. Em sua trajetória inicial no futebol conta que jogou na praia e em escolinhas, tanto de futsal quanto de futebol de campo, até chegar à escolinha no *Sport Club* Internacional aos 14 anos de idade, onde fez sua trajetória no futebol (Silveira 2014). O ingresso em espaços improvisados ou a necessidade de "negociações" especiais para treinar com meninos ilustram como a perseverança individual e familiar precisou compensar a falta de estruturas formais e exclusivas de iniciação esportiva para meninas nestas gerações.

Incentivada pela mãe, Talita de Oliveira sempre praticou diversos esportes desde a infância, como a natação, e se destacou a partir dos quatro anos de idade. No entanto, foi com 15 anos de idade que ela descobriu sua paixão pelo futebol (Oliveira, 2017). A partir de então, Talita dedicou-se a treinar ambas as modalidades, mas eventualmente optou por focar exclusivamente no futebol.

Sissi conta que sua paixão pelo futebol começou na infância, aos sete anos de idade, jogando com seu pai e irmão (Amor, 2015). Embora o apoio familiar se concentrasse no irmão, devido à pouca visibilidade do futebol feminino na época, sua trajetória mudou aos 11 anos de idade. Após a mudança para a cidade de Campo Formoso (Bahia), ela descobriu outras meninas que também praticavam o esporte. A partir daí, Sissi construiu uma carreira vitoriosa, defendendo diversos clubes e a seleção brasileira em campeonatos mundiais e Jogos Olímpicos. No ano de 1999, foi artilheira do time e eleita a melhor do mundo, consolidando seu legado (Amor, 2015).

A análise das trajetórias iniciais destas profissionais evidencia que o ingresso das mulheres no futebol brasileiro ocorreu, em grande medida, por caminhos informais, marcados pela influência da família, da escola, de professores, de treinadores e de espaços de sociabilidade nos quais a prática esportiva era possível. Embora cada história apresente particularidades, observa-se um conjunto de experiências comuns, sendo elas: o início precoce no futebol, a necessidade de superar barreiras relacionadas ao gênero, a escassez de oportunidades específicas para meninas e a importância das redes de apoio para a permanência na modalidade. Nesse contexto, o acesso ao futebol não foi resultado de estruturas consolidadas de formação, mas de trajetórias construídas por meio de adaptações, persistência e oportunidades pontuais, elementos que marcaram a geração de mulheres que, posteriormente, também passariam a ocupar o cargo de treinadoras.

4. TRANSIÇÃO DE CARREIRA DE MULHERES ATLETAS NO FUTEBOL

A transição da carreira de atleta para a função de treinadora nem sempre ocorre de forma linear e sem grandes obstáculos. Andressa Allet comenta sobre as dificuldades enfrentadas nesse momento de mudança, destacando que, mesmo reconhecendo em si o potencial para atuar como treinadora e professora, havia um desejo persistente de continuar sendo atleta (Allet, 2014). Por outro lado, Pellegrino (2015, p. 9) pondera sobre suas experiências de atleta e treinadora: “nos meus dezesseis anos como atleta eu gostei mais dos quatro meses e meio como

treinadora". Tal opinião demonstra a variação desse momento particular de cada atleta. Essa ambivalência na transição reflete não apenas o luto inerente ao fim da performance esportiva, mas também a incerteza de adentrar um mercado de trabalho técnico e de gestão que permanece, ainda hoje, hegemonicamente masculino.

A transição de carreira de Célia Liése Brancão, de jogadora para treinadora, começou aproximadamente 10 anos antes de se consolidar na posição de treinadora, no ano de 2004, quando se transferiu para o futebol austríaco. Até então nunca havia saído do país e foi atuar pelo *Neulengbach*, na Áustria, clube onde permaneceu até 2012. A experiência superou todas as expectativas, conforme as palavras de Célia: "quando eu cheguei lá, foi muito mais do que eu esperava, estrutura, tudo, e pessoalmente, uma coisa que talvez a gente nunca viva aqui no Brasil" (Ribeiro, 2015, p. 9). Após um breve retorno ao Brasil, Célia voltou para a Áustria e atuou por um curto período no clube *Landhaus*, onde sofreu uma grave lesão no joelho que a levou a encerrar a carreira como jogadora. Então, seu antigo clube, o *Neulengbach*, a convidou para assumir a função de treinadora da equipe B e atuar como auxiliar técnica do time principal, cargos que ocupou por duas temporadas antes de se tornar a treinadora principal da equipe A (Ribeiro, 2015).

A carreira europeia também oportunizou Emily Lima a iniciar os estudos para futuras funções no meio do futebol, principalmente através de cursos na modalidade *online* na Espanha e em Portugal. A atleta se naturalizou e defendeu a seleção portuguesa entre os anos de 2007 e 2009 (Lima, 2015); após assumiu a função de supervisora e auxiliar na Associação Portuguesa de Desportos, clube localizado na cidade de São Paulo (SP). Ao longo do ano de 2010 realizou diversos cursos no Brasil, como os oferecidos pelo Sindicato de Treinadores de São Paulo, o que oportunizou a primeira chance como treinadora no ano de 2011 no Clube Atlético Juventus de São Paulo.

Fabiana Guedes Rodrigues conta que após encerrar a carreira de jogadora retornou para sua cidade natal no Piauí e foi trabalhar na prefeitura como professora de futebol para meninos entre sete a 17 anos de idade. A seguir recebeu a oportunidade de atuar como treinadora no clube Tiradentes no Piauí (Rodrigues, 2017). Em seu depoimento, Fabiana (Rodrigues, 2017) assinala a importância da formação em cursos de graduação em Educação Física, tanto o Bacharelado quanto a Licenciatura, assim como os dois cursos específicos para a formação de treinadores de futebol que realizou. A busca pela diplomação superior surge, portanto, como uma estratégia analítica de legitimação. Para as mulheres, a chancela acadêmica funciona como um capital cultural indispensável para provar competência e mitigar o preconceito, enquanto no futebol masculino o empirismo (o simples fato de ter sido ex-jogador) frequentemente basta para a contratação técnica.

Thaissan Passos (2018) iniciou sua transição de carreira de jogadora para treinadora após receber uma proposta para treinar a equipe de futsal da Prefeitura da cidade de Duque de Caxias, Rio de Janeiro, em 2011. Após conquistar o título de campeã junto com sua equipe começou a questionar sua continuidade na vida de atleta. A mudança se concretizou em 2012, quando, ao treinar uma equipe escolar, percebeu que não tinha mais prazer em jogar e que estava satisfeita com a nova função. Além do desejo de se especializar, a decisão de se tornar treinadora foi um desafio pessoal, pois ouvia com frequência que as mulheres não eram competentes no futebol. Dedicou-se aos estudos e buscou se capacitar para provar o contrário (Passos, 2018).

Tatiele Silveira falou que durante os treinamentos começou a se interessar em saber mais sobre táticas e métodos de treinamento o que a levou a prestar vestibular para Educação Física (Silveira, 2014). Aos 18 anos, Tatiele começou a dar aulas, como estagiária, na escolinha do *Sport Club* Internacional, mas continuou jogando até o ano de 2007. Desde então, se especializou, concluiu o curso de graduação em Educação Física e iniciou a sua escolinha de futebol vinculada ao Grêmio *Foot-Ball* Porto Alegrense (Silveira, 2014). Em seguida foi para

os Estados Unidos buscar outras experiências para alavancar a carreira internacional, pois considerava que lá as oportunidades no futebol feminino são muito mais efetivas do que no Brasil (Silveira, 2014).

A transição de Talita de Oliveira para tornar-se treinadora de futebol ocorreu de forma natural, expressão usada por ela na entrevista (Oliveira, 2017). Enquanto ainda cursava a graduação em Educação Física e treinava natação, Talita enfrentou algumas lesões que a fizeram repensar sua carreira. Foi nesse momento que surgiu o convite para atuar como preparadora física e posteriormente como treinadora, no futsal e no futebol. Essa experiência foi a "virada de chave" para que ela descobrisse sua paixão pela função de treinadora. Talita relata que as primeiras oportunidades, como preparadora física a motivaram a buscar aperfeiçoamento, apesar das dificuldades e do acesso limitado a capacitações de qualidade para a atuação como treinadora (Oliveira, 2017).

Sissi iniciou sua transição de carreira para a área técnica nos Estados Unidos, onde jogava profissionalmente futebol (Amor, 2015). O primeiro convite foi para atuar como assistente técnica de uma equipe de futebol sub-16. Relata que, no início, a falta de experiência e o domínio limitado do inglês foram grandes desafios. Apesar das dificuldades, Sissi salienta que começar sua carreira de treinadora em um país mais desenvolvido e com mais oportunidades no futebol feminino foi crucial para seu crescimento profissional (Amor, 2015).

A migração para a Europa ou para os Estados Unidos, como observado nos casos de Célia, Emily, Tatiele e Sissi, evidencia limitações históricas do sistema esportivo brasileiro no que diz respeito à absorção e à formação de ex-atletas mulheres para funções técnicas. Esse cenário torna-se ainda mais expressivo ao considerar que os cargos de treinadores permaneceram historicamente ocupados, em sua maioria, por homens, inclusive nas competições ligadas ao futebol de mulheres, restringindo as oportunidades de inserção e progressão profissional das mulheres na área técnica. Nessas trajetórias analisadas, a experiência internacional representou não apenas uma oportunidade de continuidade da carreira, mas também o acesso a estruturas mais consolidadas de formação, melhores condições de trabalho e maiores possibilidades de desenvolvimento profissional. Assim, a transição para a função de treinadora revelou-se um processo marcado pela constante necessidade de adaptação, qualificação e superação de barreiras institucionais, socioculturais e de gênero.

Outro ponto recorrente nas trajetórias analisadas foi a busca por formação em nível superior, principalmente em Educação Física, além de cursos específicos de treinamento, o que sugere que a qualificação formal constituiu um importante mecanismo de legitimação profissional para essas mulheres. Mais do que ampliar conhecimentos, a obtenção de diplomas e certificações representou uma estratégia para demonstrar competência técnica em um ambiente historicamente marcado pela predominância masculina. Diferentemente do que frequentemente ocorre no futebol masculino, em que a experiência acumulada como ex-atleta pode funcionar como credencial suficiente para o ingresso na carreira técnica, as narrativas indicam que as treinadoras sentiram a necessidade de acumular qualificações formais como forma de fortalecer sua inserção e reconhecimento profissional.

5. CONCLUSÃO

As narrativas conjuntas das treinadoras podem ser compreendidas como memória coletiva de um grupo. As memórias apresentam-se com o discurso de superação pelas atletas Aline Pellegrino, Andressa Allet, Célia Liése Brancão, Emily Lima, Fabiana Guedes Rodrigues, Thaissan Passos, Tatiele Silveira, Talita de Oliveira e Sissi. Também demonstram a importância do ambiente familiar, escolar e comunitário no desenvolvimento de jovens talentos. No entanto, é fundamental destacar que a jornada para a profissionalização no futebol feminino ainda enfrenta desafios significativos, como a falta de visibilidade, a escassez de

oportunidades e o preconceito. A transição de carreira de jogadora para treinadora também exige resiliência e a busca contínua por aprimoramento profissional.

A aproximação das entrevistadas com o futebol se dá por caminhos diversos, mas com pontos em comum. A maioria inicia o contato com o esporte na infância, seja por brincadeira, influência familiar ou no ambiente escolar, destacando o papel crucial dos pais e professores. Um espaço da memória coletiva é o futebol e o brincar nas narrativas das entrevistadas. Apesar dos desafios, como a falta de espaço em escolinhas ou a baixa visibilidade da modalidade, o apoio de familiares e a persistência das atletas foram determinantes para que pudessem seguir suas carreiras. Essas narrativas reforçam a importância de espaços que acolham e incentivem as meninas desde cedo, reconhecendo o futebol não apenas como esporte, mas como um espaço de sociabilidade e com múltiplas oportunidades no futuro para as mulheres.

As narrativas sobre transição da carreira de jogadora para treinadora no futebol feminino é um processo complexo e singular, com cada atleta enfrentando desafios e encontrando oportunidades únicas. Enquanto algumas sentem a dificuldade de deixar o campo, outras descobrem na experiência internacional um caminho para o desenvolvimento profissional. A busca por formação, seja por meio de cursos de graduação ou cursos específicos, demonstra o comprometimento com a nova função. Além da qualificação, a persistência e quebra de estigmas são elementos importantes para a efetivação nessa nova etapa. É um caminho que, muitas vezes, permite que a paixão pelo futebol continue de uma nova forma, consolidando a carreira como treinadora.

AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com o apoio institucional do Centro de Memória do Esporte (CEME), vinculado à Escola de Educação Física, Fisioterapia e Dança (ESEFID) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Agradece-se à Financiadora de Estudos e Projetos (FINEP) pelo financiamento destinado à recuperação do acervo CEME ESEFID.

REFERÊNCIAS

Allet, A. V. (2014, 10 de outubro). Entrevista [Entrevista concedida a Suellen dos Santos Ramos]. Porto Alegre. 1h02min32seg.

Amor, S. L. do. (2015, 27 de novembro). Entrevista [Entrevista concedida a Silvana Vilodre Goellner]. Concord (EUA). 49min21seg.

Assessoria CBF. (2016, 01 de novembro). *Conheça Emily Lima, a primeira técnica da Seleção*. CBF. https://web.archive.org/web/20170113154552/http://selecao.cbf.com.br/noticias/selecao-feminina/conheca-emily-lima-a-primeira-tecnica-da-selecao#.WHj2QKvP1qZ

Bischoff, W. (2024, 17 de maio). *Brasil é escolhido para ser a sede da Copa do Mundo Feminina de 2027*: esta será a primeira vez que a competição será disputada na América do Sul. G1. https://g1.globo.com/mundo/noticia/2024/05/17/brasil-e-escolhido-para-ser-a-sede-da-copa-do-mundo-feminina-de-2027.ghtml

Bonfim, A. F. (2019). *Football feminino entre festas esportivas, circos e campos suburbanos*: uma história social do futebol praticado por mulheres da introdução à proibição (1915-1941) [Dissertação de Mestrado, Fundação Getulio Vargas]. Rio de Janeiro. https://hdl.handle.net/10438/28563

Brasil. (1941, 14 de abril). *Decreto-Lei n.º 3.199, de 14 de abril de 1941, que estabelece as bases de organização dos desportos em todo o país.* https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/1937-1946/del3199.htm

Brasil. Conselho Nacional de Desportos. (1979, 31 de dezembro). *Deliberação n.º 10, de 31 de dezembro de 1979*. https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3438879/pg-92-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de31-12-1979

Brasil. Conselho Nacional de Desportos. (1983, 11 de abril). *Deliberação n.º 1, de 11 de abril de 1983*. https://www.jusbrasil.com.br/diarios/3311099/pg-58-secao-1-diario-oficial-da-uniao-dou-de11-04-1983

Candau, J. (2012). *Memória e Identidade* (M. L. Ferreira, Trad.). São Paulo: Contexto.

Chiés, P. V. (2024). As sportswomen e a Nova História: "Gênero" enquanto categoria de análise histórica nos estudos do esporte. *Recorde: Revista de História do Esporte, 17*(2), 1–34.

Diário Popular. (1916, 14 de outubro). Desporto – E.C. Pelotas – Futebol Mulheres. Diário Popular, Ano XXVI (235), p. 2, c. 3. Coluna Vida Esportiva.

Diário Popular. (1929, 18 de setembro). Desporto – Futebol feminino. Diário Popular, (215), p. 3, c. 4.

Durkheim, É. (2007). *As regras do método sociológico* (3. ed., P. Neves, Trad.). São Paulo: Martins Fontes.

Farias, C. M. de. (2012). Superando barreiras e preconceitos: trajetórias, narrativas e memórias de atletas negras. *Revista Estudos Feministas*, 19(3), 911. https://doi.org/10.1590/S0104-026X2011000300014.

Goldani, F., Mazo, J. Z., & Fontana, G. M. (2024). História oral da equipe de futebol sete feminina do "Maracanã Futebol Clube" (década de 1990). *Biomotriz*, 18(1). https://doi.org/10.33053/biomotriz.v18i1.947

Goldani, F., Mazo, J. Z., Venceslau, A. de O. G., & Lamb, B. P. C. (2024). Competições de futebol: a Seleção Feminina do Maracanã Futebol Clube entra em campo. *Leituras: Educação Física e Esportes*, 28(309), 2-15. https://efdeportes.com/efdeportes/index.php/EFDeportes/article/view/7243

Halbwachs, M. (2006). *A memória coletiva* (2. ed., B. Sidou, Trad.). São Paulo: Centauro.

Haraway, D. (2023). *A reinvenção da natureza: símios, ciborgues e mulheres* (R. Tadeu, Trad.). São Paulo: WMF Martins Fontes.

Lima, E. A. da C. (2015, 14 de março). Entrevista [Entrevista concedida a Luciane Castro]. São Paulo.

Mazo, J. (2004). *O esporte e a educação física na Revista do Globo: Catálogo (1929–1967)* [CD-ROM]. FEFID/PUCRS; ESEF/UFRGS.

Oliveira, T. de. (2017, 16 de janeiro). Entrevista [Entrevista concedida a Mariana Cristina Borges Novais]. Santos Dumont (MG).

Passos, T. (2018, 08 de janeiro). Entrevista [Entrevista concedida a Mariana Cristina Borges Novais]. Santos Dumont (MG).

Pellegrino, A. (2014, 03 de setembro). Entrevista [Entrevista concedida a Pamela Siqueira Joras]. Porto Alegre. 28min42seg.

Pellegrino, A. (2015, 23 de junho). Entrevista [Entrevista concedida a Pamela Siqueira Joras]. Porto Alegre. 38min18seg.

Pires, B. Gomes. (2021). Pânicos de gênero, tecnologias de corpo: regulações da feminilidade no esporte. *Revista Estudos Feministas*, 29(2). https://doi.org/10.1590/1806-9584-2021v29n279320

Pollak, M. (1989). Memória, esquecimento, silêncio. Revista de Estudos Históricos, 2(3), 3-15. https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278

Ribeiro, C. L. B. (2015, 26 de novembro). Entrevista [Entrevista concedida a Suellen Dos Santos Ramos e Pamela Siqueira Joras]. Porto Alegre. 49min34seg.

Rodrigues, F. G. (2017, 20 de fevereiro). Entrevista [Entrevista concedida a Mariana Cristina Borges Novais]. Santos Dumont (MG).

Rovai, M. G. de O. (2013). Aprendendo a ouvir: a história oral testemunhal contra a indiferença. *História Oral*, 16(2), 129–148. https://www.revista.historiaoral.org.br/index.php/rho/article/view/313

Silveira, T. dos S. (2014, 17 de março). Entrevista [Entrevista concedida a Pamela Siqueira Joras]. Porto Alegre. 1h11min21seg.

Soares, C. L. (1990). *O pensamento médico higienista e a Educação Física no Brasil: 1850-1930* [Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo]. São Paulo. https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22582

Vimieiro, A. C., Eugênio, F. R., & Souza, O. L. P. de. (2025). Estudos sobre mídia, esporte e gênero no Brasil: narrativas do futebol feminino e algumas propostas. *E-Compós*, 28. https://doi.org/10.30962/ec.2714.

Vieira, G. C., Costa , L. P., & Mazo , J. Z. (2026). MULHERES NEGRAS E O ESPORTE PARALÍMPICO NO BRASIL: narrativas e representações no Instagram do Comitê Paralímpico (2014-2018). *Revista Eletrônica Científica Ensino Interdisciplinar*, *12*(38). https://doi.org/10.21920/recei.v12i38.7610

Westin, R. (2023, 04 de agosto). Futebol feminino já foi proibido no Brasil, e CPI pediu legalização. *Agência Senado*, (103). https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/arquivo-s/futebol-feminino-ja-foi-proibido-no-brasil-e-cpi-pediu-legalizacao